

# **Aloysio Veiga de Paula**

**Por Cristovão Clemente Rodrigues**

Conheci o professor Aloysio Veiga de Paula por ocasião de uma sabatina a que fui submetido quando cursava o 4º ano médico. Na verdade, mesmo após a então recente reforma que extinguiu a regência vitalícia, naquela circunstância, a presença de um catedrático ainda se impunha. E a de Aloysio, então, tão admirado por seus pares, mostrou-se mais ainda prestigiada. O fato é que, naqueles idos de 1972, para ele estar, às 8 horas, no Hospital Universitário Antonio Pedro – HUAP, em Niterói, não era tarefa fácil. Significava ter deixado horas antes a Av. N. Srª de Copacabana (morava perto da filial da Confeitaria Colombo, fechada em 2003), no Rio de Janeiro, vir no seu Opala até a Praça XV, pegar a barca e, já em Niterói, um táxi na Praça Araribóia para, finalmente, chegar ao HUAP (a ponte só viria a ser inaugurada em 1974). E lá estava ele, calvo, guarda-pó de algodão longo e gravata, projetando ainda mais sua altura, próxima dos 1.80m. Seu olhar era luminoso, sempre em quase sorriso. Interagia com os pacientes e conosco, pobres “*academicus vulgaris*”, como éramos chamados. Ouvia-nos com atenção,

indagava com destacado interesse, discorria sobre qualquer assunto médico e sobre a vida dos pacientes do interior. Creio que transferia a tarefa das notas para seus assistentes, o que parecia ser visto por ele como um pormenor no conjunto da vida acadêmica. Ao final de tudo, saíamos aliviados, antecipando o Fla-Flu de domingo, enquanto o mestre encarava sua viagem de volta ao Rio, enfrentando os já mencionados fragmentos de percurso que o haviam levado a nosso encontro algumas horas antes.

**“... Aloysio abraçara a Clínica e a Tisiologia, então uma atividade de risco, abordando doença contagiosa com limitados recursos terapêuticos, além da cura espontânea...”**

Pronto, isso já seria uma síntese, o bastante para demonstrar a grandeza de um professor com cátedras nas Universidades do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – e Federal Fluminense – UFF – laureado

internacionalmente, refinado crítico de arte, já então com 65 anos, ele que era capaz de verter todo esse esforço para estar com graduandos em passagem pela Pneumologia. Mas, é como li numa brilhante saudação do professor Affonso Tarantino, outra figura ímpar, e creio não haver como negar: “falar dos 70 anos de atividades de Aloysio não é tarefa para só uma geração”. De minha parte, na condição de seu discípulo, apenas tento escrever, com gratidão e respeito, uma parte de que dou reconhecido testemunho.

Aloysio Veiga de Paula nasceu na localidade de Vargem Alegre, Piraí, RJ, em 1907, sendo um dos 4 filhos do Dr. Luiz de Paula e de Noêmia Veiga de Paula; sendo parente de Raul Veiga, ex-governador do Estado do Rio de Janeiro nos anos 20.

Vargem Alegre havia se formado a partir de uma rota de tropeiros, evoluindo para entreposto, principalmente de café, e importante entroncamento ferroviário da época. Sobre sua vida na sua localidade, contou-me certa vez haver sido seu pai médico da aristocracia rural do sul-fluminense, os chamados barões do café ou, na virada para o século XX, do que restava dela e suas hipotecas. Foi também dele que ouvi que Paula, Pádua, como outros topônimos, terem sido atribuídos a milhares de imigrantes que aqui aportaram, muitos analfabetos e sem documentos. Acontecia que a eles era perguntado de qual região da

Itália vinham e as mesmas passavam a ser o sobrenome inscrito no documento brasileiro de cada qual. Não sei se em alusão a algum antepassado, mas essa era a lembrança que lhe vinha.

Formou-se em Medicina pela Faculdade Nacional de Medicina aos 20 anos e embarcou para a Europa (Alemanha), onde estagiou por breve período, o que corresponderia à sua “pós-graduação” para o mundo. Contou-me que regressou ao Brasil com um baú de madeira cheio de livros, reunindo todo o conhecimento médico acumulado no final dos anos 20 do século passado. Hoje, numa pequena digressão, posso imaginar que, no tempo em que dura esta breve leitura, milhares de trabalhos já terão ido para o prelo ou corrido para a WEB.

Aloysio abraçara a Clínica e a Tisiologia, então uma atividade de risco, abordando doença contagiosa com limitados recursos terapêuticos, além da cura



Aloysio de Paula em evento festivo do pintor Alberto Guignardi – 1961  
Reproduzido do livro “O Médico e o Tempo”.

espontânea. Foi interno e assistente do professor Rocha Vaz, iniciando sua vida profissional nas enfermarias da Clínica de Propedêutica Médica da Faculdade Nacional e, mais tarde, na cadeira de Clínica Médica, cujo responsável era o próprio professor Rocha.

**“Dr. Aloysio manteve um concorrido consultório na Rua Álvaro Alvim, Cinelândia, outrora uma rua de prestígio no Centro da cidade...”**

O custo do enfrentamento da profissão foi vivido a peito aberto: contraiu TB pulmonar e se refugiou, em 1928, na então vila de Campos de Jordão/SP, onde era paciente e médico tisiologista do Dispensário Emílio Ribas e da Associação dos Sanatórios Populares, nessa ordem. Quarenta e sete anos depois, conversava, jocosamente, sobre o fato com outros médicos de idade próxima, no corredor do HUAP, dizendo que não se formava um tisiologista sem o próprio ter tido a doença.

Possivelmente, os 5 anos lá vividos, a sua “Residência Médica”, entre delírios de febre e hemoptises, devem ter reafirmado o que veio a se constituir no seu reconhecido humanismo (“Nenhuma vida é inútil”), bem como a sublimação do sofrimento no visceral amor que passou a dedicar às Artes Plásticas.

Eram tempos em que a TB não “escolhia” classe social, como nos dias de hoje. Como disse Manoel Bandeira, no poema Pneumotórax: “– Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?” – Não. A única coisa a fazer (só restava) é tocar um tango argentino...”

Em 1933, curado, Aloysio volta ao Rio e passa a ser médico do citado poeta (colegas em doença), acompanhando sua sequela sintomática. E este, apesar de acometido de grave TB, surpreendentemente vem a falecer, aos 82 anos, de uma hemorragia digestiva.

O Brasil de 1930 vivia uma época de renovação, os “tenentes” haviam assumido o poder com Getúlio, e os revoltosos da Semana de Arte Moderna de 1922 já eram, então, ícones. Aloysio, assim, pode conviver com toda a “*intelligentsia*” de então. E não só conviveu como foi médico de alguns de seus personagens centrais. Foi o caso de Djanira, de Nelson Rodrigues, de Pancetti (um capítulo à parte) e de D. Marcos Barbosa, um pouco mais tarde.

Estar à frente de seu tempo foi sempre a sua marca. Na década de 30 fervia entre os tisiologistas a discussão acerca do papel do clima ou da climoterapia na cura da tuberculose. Aloysio de Paula, Paula Souza e, depois, Clemente Ferreira advogavam que tal aspecto seria irrelevante, apenas um mito. E tinham outra razão além da científica: mais tarde, foi comprovado existirem interesses políticos e econômicos

nos locais de serra por trás da apaixonada defesa da “cura pelo clima”. Outra questão defendida pelo nosso homenageado refere-se à superioridade da radiologia sobre a propedêutica na TB inicial. Conceitos óbvios, atualmente, mas surpreendentes na ocasião, pois significava contradizer um afamado Miguel Couto, defensor da supremacia do exame físico, mesmo na TB assintomática, o que exigia evidente determinação. Já numa perspectiva de aproximação, data de 1936 a criação da Faculdade de Ciências Médicas e tal qual a da UFF de 1925, inicialmente privadas e fruto de jovens médicos que não encontravam espaço no restrito mundo acadêmico da época. Nesse mesmo ano de 1936 inicia a parceria de Aloysio com Manoel de Abreu, um gênio científico da época, um dos primeiros a descrever a densimetria em radiologia, além de ter sido o criador da fotografia do “*écran*” fluorescente, fato que lhe garantiu fama internacional.

Abreu era um homem versátil: era também poeta, poliglota e exímio desenhista, tendo ingressado na Academia Nacional de Medicina – a ANM – aos 31 anos e sido indicado ao Nobel de Medicina nos anos de 1946 e de 1950.

Em 1937, o primeiro aparelho de Roentgenfotografia, depois chamado de Abreugrafia, foi instalado na Rua do Rezende, número 128, Serviço Público onde



Aloysio de Paula em reunião na Academia Nacional de Medicina. Reproduzido do livro “O Médico e o Tempo”.

atuava Aloysio de Paula. Daí é que foi adotado progressivamente na Europa e nos EUA.

A possibilidade de diagnósticos coletivos revolucionou a Tisiologia da época e um seu “subproduto”, qual seja, o da identificação de outras doenças, em número de milhares e milhares, o que, creio, acabou por nortear a evolução para a nossa Pneumologia. Nesse sentido, a origem da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia – a SBPT –, a partir de 1937, não deve ter sido mera coincidência, pois que iniciaram-se não apenas visitas de estrangeiros à Rua do Rezende, como também a realização de viagens para a divulgação do método de “*screening*” radiológico da TB precoce e inaparente.

Nosso professor proferiu aulas e ministrou cursos dentro e fora do país: em Salvador, no ano de 1938 (onde conheceu José Silveira), em Recife, em São Paulo, no Uruguai, na Argentina e em Belo Horizonte,

em 1940, a convite do Sindicato dos Médicos. Em sequência, Aloysio de Paula, então com 33 anos, iniciou sua atuação no Serviço de Tórax, 9º andar da Policlínica Geral do Rio de Janeiro – PGRJ –, instituição que desde o Império prestava boa medicina à população carente, bem antes dos Institutos dos sindicatos e do Sistema Único de Saúde (SUS). Em 1940, estiveram ao seu lado expoentes como Affonso B. Tarantino e, um pouco depois, Ismar da Silveira (que lhe sucederia na UERJ), Helio Fraga e Edmundo Blundi.

O Centro de Estudos da PGRJ recebia renomados médicos internacionais em passagem pelo Brasil como: Auerbach, Chevalier Jackson, Lyne Reid, Crawford, Sayago, Westermack e Vincenzo Monaldi. Esse seleto grupo, junto com Clemente Ferreira, em São Paulo, criava, com solidez, os alicerces da Pneumologia brasileira. Data deste ano, 1940, a publicação do Livro: “Roentgenfotografia”, escrito em parceria com Manoel de Abreu. Um marco e sucesso de vendas para a época.

Dr. Aloysio manteve um concorrido consultório na Rua Álvaro Alvim, Cinelândia,

**“Em 24 de setembro de 1953,  
Aloysio toma posse na Academia  
Nacional de Medicina, cadeira 15,  
sendo saudado por Manoel de  
Abreu...”**

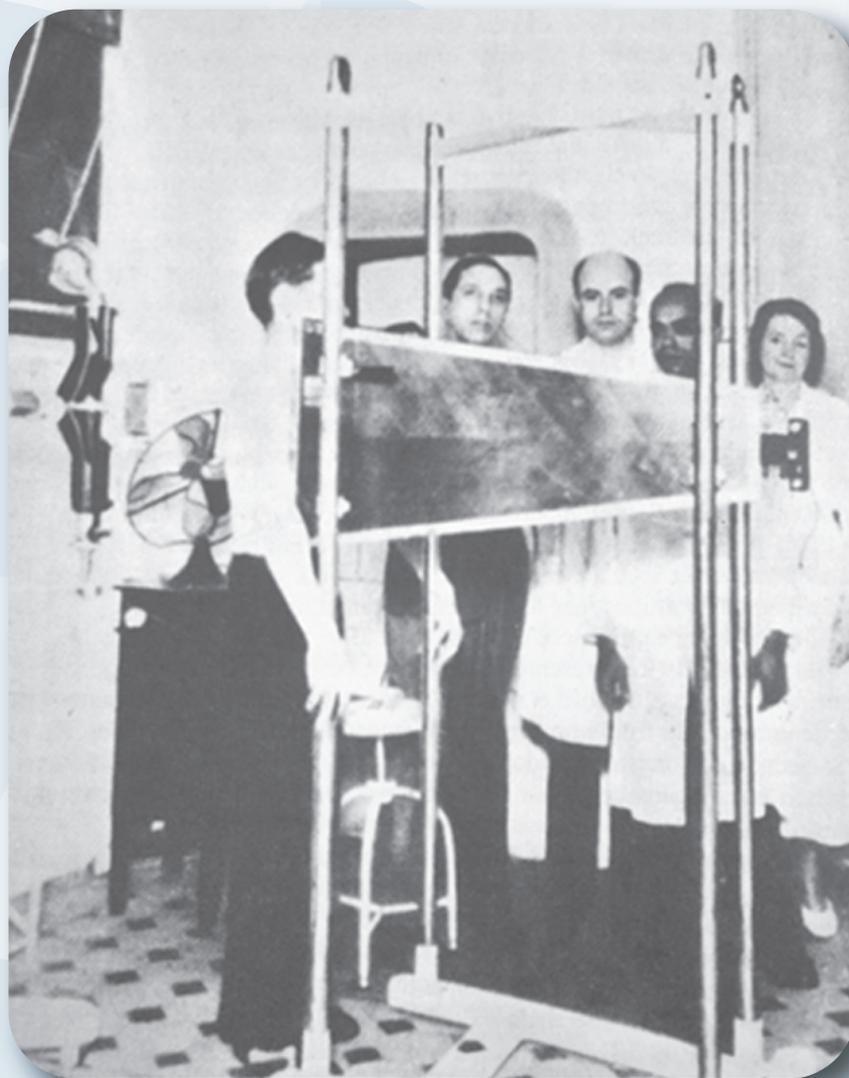
outrora uma rua de prestígio no Centro da cidade. Uma vez me confidenciou que lá atendia diplomatas e representantes das empresas estrangeiras sediadas no então Distrito Federal, em parte, acreditava, em função de se expressar em inglês, italiano, francês e alemão.

É digno de nota um atendimento por ele prestado a um destacado artista plástico nacional: José Pancetti, portador de TB crônica, assistido por seu médico desde 1941 até vir a falecer, em 1958. Pancetti é o maior paisagista brasileiro, reconhecido por suas belas marinas. A primorosa pinacoteca de Aloysio foi enriquecida pelas inúmeras obras a ele presenteadas por seu famoso cliente. Sua carreira foi deveras expressiva: professor do Curso de Tuberculose do Departamento Nacional de Saúde, do Ministério da Educação e Saúde (1939, 1946 e 1947); professor do Curso de Tuberculose do Hospital Jaçanã (São Paulo) e da Sociedade Paranaense de Tisiologia (1948); assessor em planejamento de Serviços em Tisiologia e membro de diversas comissões governamentais e de Sindicatos de trabalhadores na luta contra a TB, entre 1933 até a década de 50; luta, então fragmentada em relação a coordenação do atual Ministério da Saúde. Em 1949 passa a atender, também, na hoje centenária Clínica Botafogo, situada na Av. Pauster, a qual já havia contado com Oswaldo Cruz nos seus primeiros anos de funcionamento.

Nesse período é iniciado o planejamento (1948) e as obras (1954) do futuro Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), principiando o Aterro do Flamengo, projeto ao qual Aloysio de Paula se engajou com paixão. Mas sua arrebatadora devoção pelas Artes Plásticas não tem início aí. Na verdade, ela sempre foi paralela ao seu fecundo magistério e começa muito antes, já sob influência da Semana de Arte Moderna de 1922, transpõe o neoconcretismo, a contracultura, a pop-art,

até o Movimento Tropicalista. Aliás, o amor às artes se perpetua na família do Mestre Aloysio através de um seu sobrinho *marchand*, conhecido por ser o proprietário da mais antiga Galeria não institucional da cidade, em Ipanema, Rio de Janeiro.

Aloysio de Paula fez parte do Conselho Deliberativo do MAM-RJ desde 1952. Em 3 de fevereiro de 1961, assumiu o cargo de Diretor Executivo, permanecendo na função até 2 de agosto de 1966. Em 3 de setembro de 1982 (após a recuperação do triste



Primeiro aparelho de Abreugrafia – 1937. Com a presença de Manoel de Abreu e Aloysio de Paula, no centro da imagem. Reproduzido do livro “O Médico e o Tempo”.

incêndio de 1978) ascendeu a posição de vice-presidente, ao lado de Carlos Flexa Ribeiro. Em 3 de julho de 1985 renunciou ao cargo, encerrando suas atividades administrativas na diretoria do Museu. Este foi um período tal qual o da época da divulgação da Abreugrafia: viajou inúmeras vezes como representante do MAM para compor júri em exposições e professor nato, era o orador quando da recepção a delegações estrangeiras em visitas ao Museu. Há ainda a se destacar no período o fato de sua coleção de obras de arte, já robusta, ter tido parte de seus quadros cedidos para a exposição de arte moderna brasileira, na sede do Congresso, em Santiago do Chile. Ainda como militante da área, em 1976, tornou-se membro do Conselho Diretor da Fundação de Museus do RJ – FEMURJ – e nessa condição promoveu o ateliê de gravação, realizado no Museu do Ingá, em Niterói (antigo Palácio do Governo). Feito este volteio para dar conta de uma dimensão também relevante na vida de nosso homenageado, volto ao seu percurso de médico-professor em sua brilhante carreira profissional.

**“Em 1958, inicia a Cátedra na UFF, após dois anos de interinidade, sucedendo o prof. Mazzini Bueno, falecido em 1954...”**

Em 24 de setembro de 1953, Aloysio toma posse na Academia Nacional de Medicina, cadeira 15, sendo saudado por Manoel de Abreu. Na ocasião de sua posse apresentou memória intitulada “Câncer do Pulmão”. Nesta instituição, foi Diretor do Museu (1969-1971; 1975-1977; 1979-1981; 1983-1985), foi Presidente da Seção de Medicina (1987-1989), tendo-se notabilizado por sua oratória, mercê de sua abrangente e refinada cultura. Foi orador oficial da ANM nos seguintes períodos: 1965-1967; 1973-1975; 1977-1979; 1981-1983. Seus discursos são a base do livro póstumo: “O médico e o tempo”, publicado em 1992.

Em 1958, inicia a Cátedra na UFF, após dois anos de interinidade, sucedendo o prof. Mazzini Bueno, falecido em 1954. Encontra um Dispensário do Ministério da Saúde e o transforma em Dispensário-Escola com aprendizado em Serviço, novidade no ensino da Tisiologia. Com a reinauguração em 2012, o Dispensário passa a ser chamado Centro de Assistência e Investigação em Tisiologia – CAIT Prof. Mazzini Bueno, situado no Campus do Valonguinho, UFF.

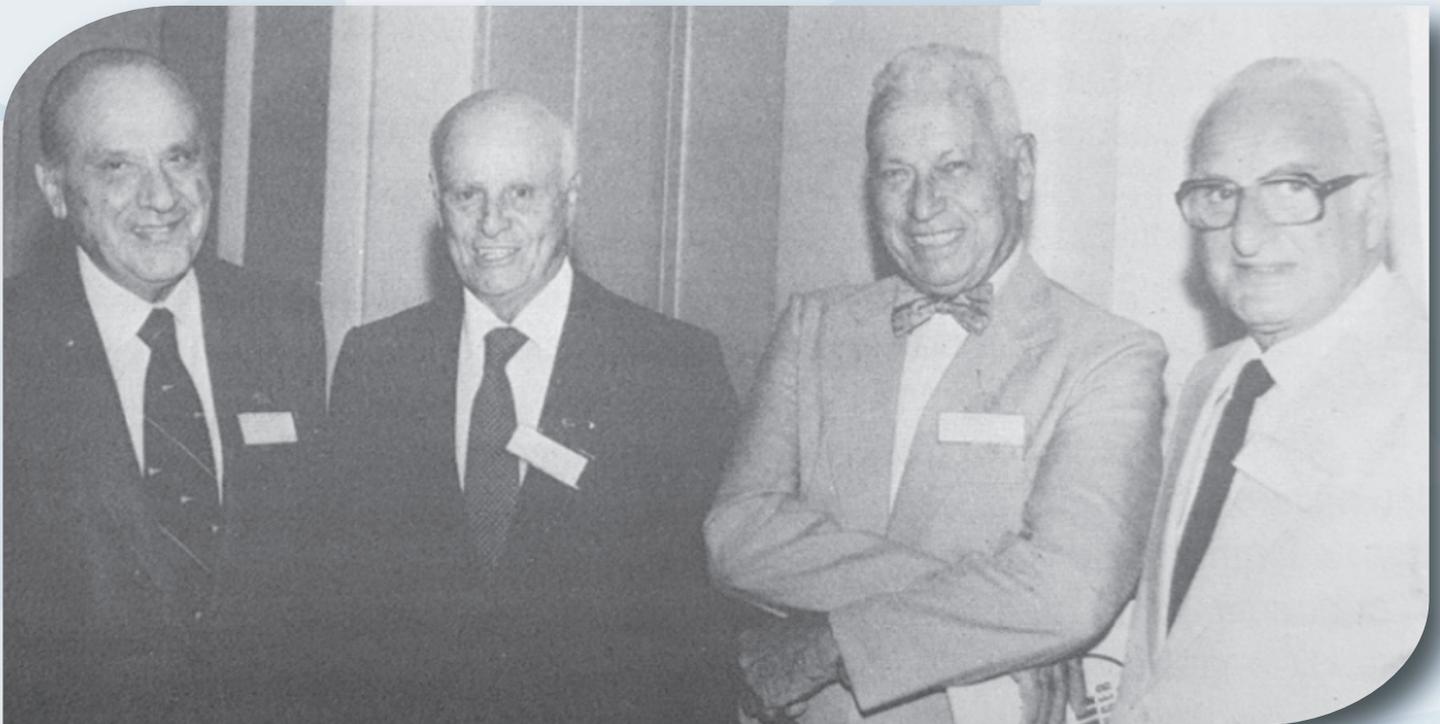
No final da década de 50 assume também a Cátedra de Tisiologia da atual UERJ, onde emprestou seu nome a conferências de excelência médica: “Conferências Aloysio de Paula”, deixando as marcas para um dos mais conceituados centros de ensino e pesquisa do país.

Em 1962, ocorre o dramático incêndio do circo em Niterói, tragédia, ainda hoje marcante na cidade, a qual, pelo volume altamente expressivo de vítimas, motivou a reabertura do Hospital Municipal Antonio Pedro. Com o hospital “federalizado” (a UFF foi criada pela junção de Escolas Independentes, em 1960), o Professor Aloysio de Paula, da Tisiologia, passa a atuar em um Hospital Universitário em formação, tempo da primeira diálise, início da ventilação mecânica etc.

Em 1966, convidou dois destacados residentes de Clínica Médica (Luiz Paulo dos Santos Verbicário e Mounir Assaf) para a criação das Enfermarias de Pneumologia, com os quais, autodidatas, cunharam a Especialidade no HUAP-UFF.

A reforma Universitária de 1968 acabou com a Cátedra e veio a arejar a vida acadêmica. Como um Colombo chegando à América, tudo parece ser novidade para aquele formando dos anos 20 que abraça, com fervor juvenil, a causa da Pneumologia hospitalar do paciente crítico. Tanto assim que ele, junto a outros jovens professores, criou, em 1972, o Programa de Residência em Pneumologia do HUAP e a Unidade de Fisiopatologia Respiratória, para cuja concretização doou recursos próprios.

E Aloysio prossegue: começou a frequentar o Centro de Recuperação Pós-Anestésica, embrião do CTI do HUAP, lá pode observar a *Adults Respiratory Distress Syndrome* – ARDS e, junto com o Prof. Emanuel de Andrade (residente na época),



Aloysio de Paula – em evento científico no Rio de Janeiro em 1982, com a presença à direita do Professor Affonso Tarantino. Reproduzido do livro “O Médico e o Tempo”.

descreveu no HUAP o segundo caso nacional, criando a sigla SARA, Síndrome da Angústia Respiratória do Adulto (depois Aguda) nacionalmente adotada, exceto em São Paulo, onde, muito próximo temporalmente, o Professor Octávio Ratto e colaboradores haviam traduzido *Distress* por Desconforto. Neste mesmo ano de 1972 assumiu a Chefia do Departamento de Medicina – MMC/UFF – onde permaneceu até 1976, encerrando seu ciclo de atuação na instituição como Diretor da Faculdade de Medicina, em 1977. Encerrando em termos, pois, em verdade, aos 70 anos, quando veio a receber muitas homenagens, passou a se ocupar do Mestrado, época de aproximação dos seus Serviços da UERJ e UFF e dos “Pedros”, o HU Pedro Ernesto e HU Antônio Pedro. Chegou mesmo a ser alçado à condição de Professor Emérito da UFF, logo depois.

Aliás, do ponto de vista pessoal, foi em 1979, na orientação de minha dissertação de mestrado, que me aproximei mais significativamente do professor Aloysio de Paula, mantendo diálogos que hoje se traduzem, friso, em gratidão e respeito. Estive, como outros alunos do mestrado, por duas tardes de sábado, em seu apartamento de paredes cobertas por quadros, principalmente de arte moderna brasileira. Ali, naquele ambiente tão acolhedor, corrigia pacientemente a lápis, o meu português, indagava sobre a bibliografia utilizada,

orientava-me, enfim, no melhor sentido da palavra.

Na busca de um texto antigo versando sobre o assunto, fomos encontrá-lo, eu de carona e ele dirigindo, na biblioteca da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Era um exemplar da *Presse Medicale*, de 1918. Um outro tempo, sem internet, em que gastava-se uma tarde para achar um artigo no original. Com o entusiasmo de sempre, confirmou sua suposição de ser, de fato, o mais antigo a respeito.

**“...recebeu na Itália o Prêmio Carlo Forlanini de excelência científica, saudado por Antonio Blasi, Professor Emérito de Pneumologia da Università di Napoli...”**

De suas lições, trazidas desse tempo, uma delas diz respeito ao valor que atribuía à pintura: embora extraordinário orador, falava da primazia da imagem sobre a palavra e completou: “As mulatas voluptuosas do Di Cavalcanti fizeram mais para a integração racial que muito discurso inflamado”.

Voltando-me novamente à sua contribuição à medicina, particularmente à Pneumologia, registro, por sua significação, que em 1980, em Sorrento, Napoli, Itália,

com a sua presença e a dos professores Ângelo Rizzo, J. Rosemberg, J. B. Perfeito, J. Croce (por procuração), A. Tarantino e Mario Rigatto foi criada a Associação Ítalo-latinoamericana de Pneumologia. E um outro de seus méritos foi o de ter recebido, em 1981, na Jornada de Pneumologia da Região Sudeste, a Medalha Prof. José Fernando Carneiro por seu expressivo destaque na área de Ensino.

Um pouco mais tarde, mestre Aloysio sofre uma lipotímia no saguão dos

elevadores do HUAP e dá entrada no meu plantão. Indagado, prefere não ser transferido e passa a noite entre os pacientes que lotavam o CTI. Recorro ao Professor Tarantino, exímio frasista, “A velhice lhe alcançou em plena juventude”. Completaria, se não fisicamente, mas em plena juventude intelectual.

Foi ainda membro de diversas e destacadas instituições: da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; da Sociedade Brasileira de Tuberculose; da “*American Trudeau Society*”; e da Associação “*Diseases of the Chest*”. E sócio Honorário: da Liga Paulista contra a Tuberculose; do Centro de Estudos dos Médicos da Divisão do Serviço de Tuberculose (São Paulo); do Instituto Baiano de Investigação da Tuberculose; além de ter sido membro Correspondente da Sociedade de Tisiologia do Uruguai; e Correspondente estrangeiro da Sociedade de Tisiologia de Córdoba (Argentina) e da Sociedade Argentina de Tisiologia.

Como tisiologista, publicou extensa série de trabalhos – 88 artigos e 7 livros de ampla divulgação no Brasil e no exterior, tendo 3 destes livros sido publicados em espanhol. Tudo em época de difícil acesso bibliográfico. Suas atividades didáticas o consagraram como uma das maiores expressões do ensino da Tisiologia no Brasil. Seus cursos de especialização, de extensão universitária e de atualização atraíram inúmeros alunos de todos os pontos do



Aloysio de Paula – Formatura em 1927.  
Reproduzido da Academia Nacional de Medicina-RJ

território nacional por mais de 30 anos. Exerceu a Clínica durante longos 50 anos ininterruptos. Inovou sempre em duas Universidades, dedicou praticamente toda sua vida ao estudo da tuberculose e à luta antituberculose, em paralelo à promoção das Artes Plásticas.

Em reconhecimento à dedicação ao ensino recebeu na Itália o Prêmio Carlo Forlanini de excelência científica, saudado por Antonio Blasi, Professor Emérito de Pneumologia da Università di Napoli. Uma outra destacada homenagem é que em 04 de novembro de 2008 o principal Anfiteatro da Faculdade de Medicina da UFF passou chamar-se “Anfiteatro Professor Aloysio de Paula”

O valor de seu trabalho na luta antituberculose e na promoção das artes tem sido reconhecido, mais recentemente, também em teses fora da Medicina, tanto em História Social (2008) como em Museologia (2003). E sua importância se reflete, inclusive, no fato de ter seu nome num Prêmio de Artes Plásticas: “Mestre Aloysio de Paula”.

Em maio de 1990 prestou depoimento oral no Acervo de História da Saúde Pública do Brasil na Fiocruz – Ministério da Saúde.

Faleceu a 12 de outubro de 1990, aos 83 anos, recebendo homenagens de seus alunos e confrades que perpetuam sua obra, tendo deixado 02 filhos adotivos que participaram da publicação póstuma do livro “O médico e o tempo”, fio condutor dessa minha pequena, mas devotada revisão biográfica.

Um marco nesse reconhecimento veio a ser a criação, com doação inicial da família, em 8 de fevereiro de 1991, da Fundação Aloysio de Paula – FUNDAP – com a finalidade de colaborar com o Instituto Estadual de Doenças do Tórax – IEDT /RJ, a Universidade Federal Fluminense e demais Instituições Públicas e Privadas no desenvolvimento tecnológico na área de ciências da saúde, ensino e assistência. A FUNDAP foi considerada de utilidade pública pela lei nº 2622, de 11 de setembro de 1996 e atuou na atividade de fomento por mais de 20 anos, driblando as crises econômicas, a escassez de doações até a espiral de recessão recente, quando cessou suas atividades.

Após o esforço de reunir uma parte – singela, diante da importância do Mestre Aloysio – do que pude coletar e testemunhar sobre sua vida e obra, resta-me exclamar, por ele inspirado: “A vida é breve, mas longa é a arte.”